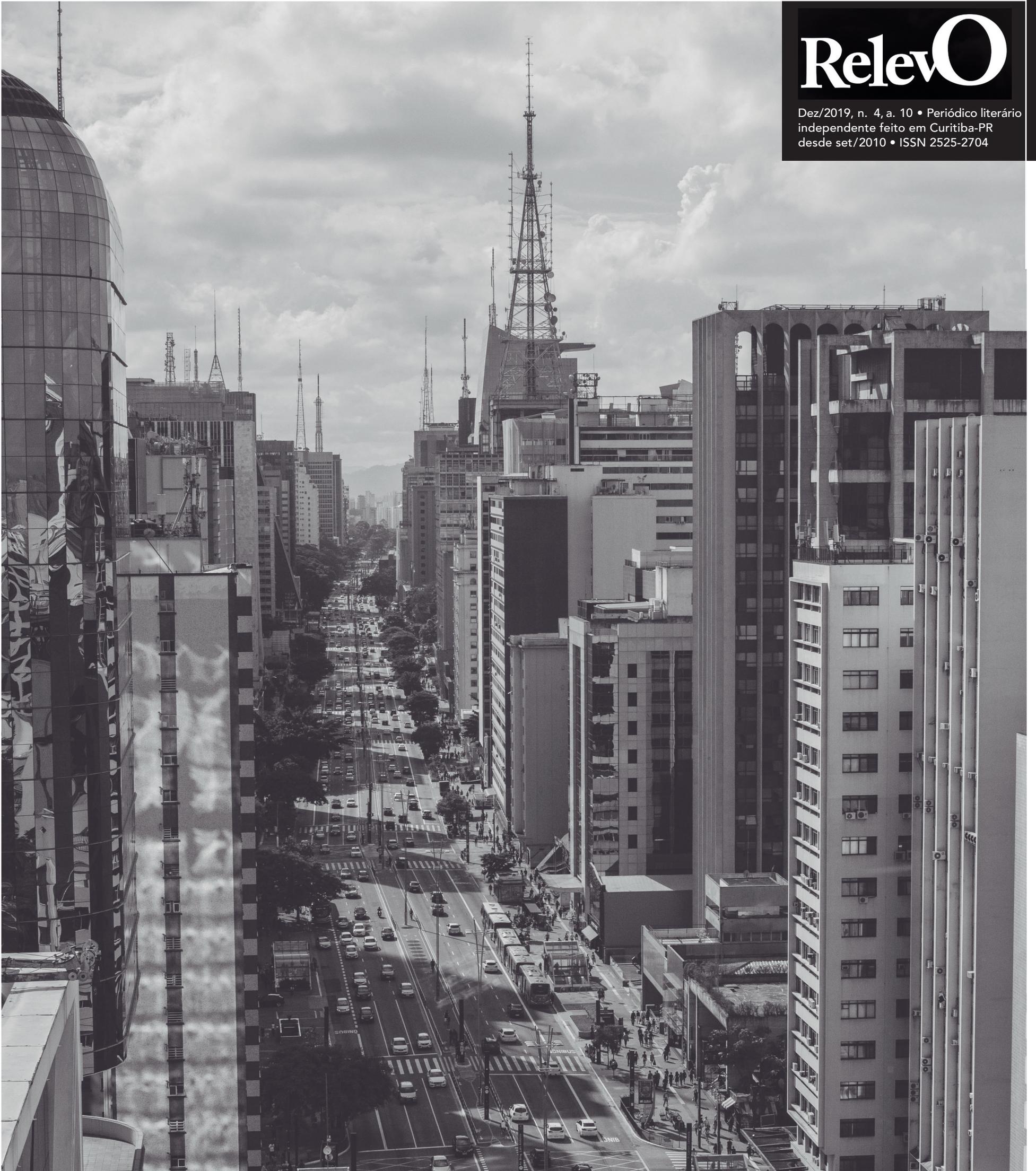


RelevO

Dez/2019, n. 4, a. 10 • Periódico literário
independente feito em Curitiba-PR
desde set/2010 • ISSN 2525-2704



Assine/Anuncie: O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo!

Saiba mais em

jornalrelevo.com/assine e
jornalrelevo.com/anuncie

ou fale conosco no

contato@jornalrelevo.com.

Publique: O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de romances sobre domos invisíveis a

artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique ou pelo contato@jornalrelevo.com.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos: nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em

jornalrelevo.com/enclave.

Das obras: As fotografias da capa e da contracapa desta edição são de autoria de Filipe Brito. Você pode conferir mais do trabalho dele em [instagram.com/filipelimitabrito](https://www.instagram.com/filipelimitabrito). As ilustrações internas são de Paulo Victor Dias. Você pode conferir mais do trabalho dele em cargocollective.com/pvdias.

Dezembro/2019

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeiro
Ombudsman: Robson Vilalba
Revisão: Ramiro Canetta
Projeto gráfico: Iara Amaral
Infografia: Bolívar Escobar
Logística: Thaís Alessandra Tavares
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 6.000

Edição finalizada em 29 de novembro de 2019.

Disso de dinheiro

(+) RECEITA BRUTA

ASSINANTES: R\$ 200 Cesar Carvalho; R\$ 150 Consolação Buzelin; R\$ 110 Whisner Fraga; R\$ 100 Anthony Portes; Heanes Priscila Secundino; Teresa Silva; Josiane Bibas; Paulo Parucker; Rubervam Du Nascimento; Claudine Duarte; Edival Perrini; Diana Visconti; Luísa Cristina Dos Santos Fontes; Natali Gomes Avancini; Whisner Fraga; Clara Baccarin; R\$ 75 Rafaela Sinderski; Maria Luiza Artese; Marcelo Wilinski; José Vecchi de Carvalho; Natércia Moraes Garrido; R\$ 60 Daniel Montoya; Claudio Parreira; William Soares dos Santos; Miguel Angelo Manassés; Nicolas Daher; Ricardo Escudeiro; Ivan Jesus Junior; Gabriel Mussiat; Luiz Otávio Oliani; Anna Julia Weber; Katia Kertzman; Noélia Ribeiro; Camila Abrão; João Carlos Magalhães; Fábio Cazé; Karina Ernsen; Rafael Gayer; R\$ 50 Débora Silva; Demétrios Galvão; Jislaine Rocha; Francisco José Ramires; Gustavot Diaz; Itamar Torres Melo; Ana Lucia Vasconcelos; Camila Del Tregio Esteves; Maryna Wagner; Maris Stelmachuk; Kamila Oliveira; Lua Nogueira; Mayra Corrêa e Castro; Phillip Willian; Henrique Santos; Luigi Ricciardi; Luiz Ferreira; Luciano Kicot; Carolina Batista; Diego Vinhas; Carolina Peters; Ronaldo Henrique Barbosa Junior; Bruna Nogueira; Patricia Herman; Moana Marques; Vanderlei Teixeira Cardoso; Mara Czarnik; Vinicius Mello; Jamile Rossetti; Patrícia Maia; R\$ 47 Rui Sobral; R\$ 40 Marcos Simão de Souza; Ana Carolina Schroeder; Leandro Telles Franz; Isabelle Rodrigues de Souza; Ulisses Bruno Moreno; Gabriella

Fonseca; Rodolfo Mondoni; R\$ 30 Mayara Blasi; Elizabete Berberi; R\$ 25 Jaqueline Stigar **TOTAL: R\$ 5.077**

ANUNCIANTES: R\$ 200 Casa Projetos Literários; William Soares; R\$ 126 Linda G; R\$ 100 Editora Penalux; Banca Tatuí; R\$ 50 FISK; Gláuber Soares; KIKOS Bar; Livraria Gato Preto; R\$ 30 Sebo O Alienígena; Sebo Edipoeira **TOTAL: R\$ 986**

(-) CUSTOS FIXOS

Gráfica: R\$ 1.300
Escritório: R\$ 360
Entregadora: R\$ 50
Capista: R\$ 50
Embaladora: R\$ 50
Editor-executivo: R\$ 1000
Editor-assistente: R\$ 100
Mídias sociais: R\$ 380
Diagramação: R\$ 100
Infografia: R\$ 70

(-) DESPESAS VARIÁVEIS

Transporte: R\$ 500
Embalagem: R\$ 117
Correios: R\$ 1.957

(-) DESPESAS ADMINISTRATIVAS

Domínio mensal: R\$ 25

(+) Entradas totais: R\$ 6.063

(-) Saídas totais: R\$ 6.059

(=) Resultado operacional: R\$ 4

Conselho Editorial

Alexandre Guarnieri
Ben-Hur Demeneck
Bruno Meirinho
Carla Dias
Celso Martini
Cezar Tridapalli
Enilda Pacheco
Felipe Harmata
Gisele Barão
Jacqueline Carteri
Osny Tavares
Whisner Fraga

Dos leitores SERÁ?

Jaqueline Stigar O **RelevO** é um impresso mensal independente, de cultura, sobretudo de literatura. Autêntico, poético, profundo e cômico, posso dizer que nunca vi nada igual. Seja pelas lindíssimas artes (eu sou completamente apaixonada por desenhos) que estampam as capas mensais do jornal, ou pela linguagem descontraída e cômica que me faz rir horrores ou fritar os digníssimos miolos do meu cérebro. É pra você que adora arte e literatura, ainda por um preço acessível.

Valdinar Monteiro de Souza Assine, leia e coleciono.

EDUARDA VIDAL

Loyse Faria Não, não foi boleto! Essa foi a minha primeira correspondência recebida nessa cidade, nessa casa, nesse novo momento da minha vida! Um jornal recheado de poesias maravilhosas! E com

duas páginas inteiras de “More Bug”, da minha amiga e poetinha Eduarda Vidal Parabéns pelo efeito “saca-rolha”! Eu me lembro perfeitamente quando você disse que havia escrito uma poesia com palavras. Eu estava deitada na cama, lá em Itacara. Quando li, achei maravilhosa, além dela ser um soco no estômago! Cheia de sentimento e verdade. E aquele sentimento de vaidade que não posso negar de quando você disse que gostava de me mostrar as poesias primeiro, que foi neste dia! (Meu ego gritou agora.) Viva a poesia, o amor e a arte! P.S.: E essa capa!?

Maris Stelmachuk Eduarda Vidal e seu “More bug”... muito bom. Dito, contundente, desconcertante. Ajuda a acordar. Vi este texto como uma resposta inexorável ao nosso descuido com a vida e com as relações próximas, até mesmo conosco mesmos... Depois que passa, não adianta chorar. Tem que acordar a tempo.

DEZEMBROS

Sueli Mendes Preciso fazer uma maratona dos jornalzitos, fiquei meses presa em trabalho, vou ler tudo em dezembro, melhor coisa.

COISA FEITA

Maria Artese Hoje chegou a edição do **RelevO** em que o meu conto, “Terceiro Molar”, saiu. Como as coisas da vida são assim, desde que o meu siso descobriu que havia ficado famoso, decidi inflamar e me deixar. Agora só ficou o sangue dos pontos, que eu estou enjoada de engolir. Mas a sensação de ter dado significado a algo

antes que fosse embora não tem nada de amargo. É boa. #literatura #leiamulheres

Sara Serra Por mais periódicos literários independentes! Essa foi a edição de setembro do **RelevO**. Diversa, inteligente, ácida, cômica, subversiva. Perfeito!

PAPEL-JORNAL

Guilherme Teodoro Minha deusa. Acabei de receber o jornal e que delícia! Sentir a textura e o cheiro do papel (é papel-jornal?! e eu não esperava por isso, apesar de ser bem óbvio). Imagino que devam receber elogios sempre, mas estou estupefato (de verdade!).

Mauro Guidi-Signorelli Acabei de ler o último **RelevO**. Hashtag-gratidão [coração](E o Mapa da Violência ficou muito bom!)

Dinovaldo Gilioli Espero que estejam bem. Recheado de palavras e encharcado de imagens, **RelevO** nos toca por sua sensibilidade crítica e aroma poético. Sou um colaborador e com muito orgulho, sim senhor! Abraços.

Jhefferson Passos Que bacana! Adorei. Numa era onde tudo é digital, é bom saber que algo assim resiste e continua firme há tanto tempo.

Laura Elizia Haubert Que capa linda!

Livraria Boto Cor-de-Rosa O **RelevO** de novembro chegou em Salvador! Lembrando que distribuimos gratuitamente esse excelente jornal de literatura e arte aqui na boto, mas que quem quiser garantir o seu exemplar diretamente pelo correios todo mês, também pode fazer uma assinatura diretamente pela página do jornal.

Nilde Serejo Olha só! Chegou agora a pouco meu exemplar do **RelevO** e já iniciei a leitura e já fiquei sabendo onde encontrar na minha cidade. Obrigada à equipe e ao escritor Aldenor Pimentel, por meio de quem soube deste belo trabalho.

Priscila Merizzio Enquanto espero consulta, leio a edição de novembro do **RelevO**.

Carol Vasconcelos Domingos... Um dia inteiro pra viver devagarzinho e apreciar minhas leituras.

Linaldo Guedes Em mãos com mais um exemplar do **RelevO**, o melhor jornal literário em circulação hoje no país. Textos maravilhosos da Priscila Merizzio, autora que admiro muito, de Mariana Belize sobre Leonardo Valente e poema de Tércila Bevaro, além do ombudsman, só mostram meu acerto de assinar o jornal por 50 reais anual. Quando estive na feira literária de Bananeiras, recentemente, comecei minha fala na mesa de editoras perguntando, aos que reclamavam falta de apoios para publicarem seus livros, se estes sabiam quanto custa publicar um livro no país. Temos que pagar gráfica, ISBN, ficha catalográfica, capistas, diagramador, divulgação, afora despesas burocráticas como hospedagem do site e impostos. Sim, nada sai de graça e nem todo autor é best-seller, para que a venda cubra os custos. O **RelevO** precisa de assinantes para continuar fazendo o que faz. Você que gosta de literatura de verdade, e não da boca pra fora, procure o jornal. ■

Editorial

1. 2019, o ano retroativo, em oito saídas:

No começo do ano, passamos a barreira de mil assinantes, depois voltamos a ter menos de mil assinantes, aí passamos um pouco novamente, então recuamos. E assim tem sido o ano todo.

2. A crise se realiza na crise que se realiza. Assinantes recentemente desempregados, projetos culturais suspensos, aumento de custos de água, luz, telefone, combustível, um certo temperamento de Missa de Sétimo Dia. As renovações diminuíram na faixa de 30%. E o preço da carne.

3. Atingimos a marca de presença em 200 livrarias, bancas e sebos. Todos os estados do Brasil recebem o **RelevO** gratuitamente em seus estabelecimentos. Isso somente é possível com o apoio do nosso corpo de assinantes e anunciantes, que custeia o envio para os mais longínquos espaços culturais desse Brasil com cada vez menos livrarias, bancas e sebos

4. Nossa anuidade sai por 50 reais. Somando todas as redes sociais, temos mais de 12 mil seguidores. Publicamos quase dois mil escritores em quase dez anos e 150 artistas plásticos, além de fotógrafos e designers. Apenas 5% de nosso público realmente nos financia.

5. Ao lado de *O Povo* e da *Folha de S. Paulo*, seguimos como um dos únicos três periódicos do Brasil a contar com o cargo de ombudsman. Dezembro marca a



despedida de Robson Vilalba. Em breve, anunciaremos o nosso novo ocupante do cargo.

6. Mudamos projeto o gráfico, ampliamos o departamento comercial, o jornal circulou por mais feiras, aumentaram nossos custos de distribuição, fizemos a primeira campanha de financiamento coletivo do jornal. Nada parece estático e cada mês se encerra com a premissa de mais dificuldades e desafios. Ainda assim, seguimos nos divertindo um bom tanto.

7. Editar um jornal de literatura é também saber que as repetições são muitas e as glórias, mínimas. Para cada novo ponto de distribuição, os Correios. Para cada novo assinante, um ligeiro aumento dos custos de papelaria. Um jornal de literatura. Em cada nova edição pulsa o sonho da durabilidade. O coração de um jornal de papel é infinito até a próxima edição.

8. Apesar de tudo, 2019 foi um bom ano, uma temporada em que solidificamos nossa logística, observamos a solidez do nosso corpo de assinantes e anunciantes nos momentos mais difíceis (e não foram poucas as vezes) e nos aproximamos cada vez mais dos dez anos de existência. Portanto, um ótimo 2020 e obrigado pela companhia nesta jornada noite adentro. ■

Nosso jornal nas bibliotecas comunitárias do Brasil

Pará	Espaço Cultural Nossa Biblioteca Biblioteca Comunitária Carolina Maria De Jesus Biblioteca Comunitária Rios De Letras Espaço Comunitário Literário Livro Encantado BomBomLer
Belém	
Ananindeua	Biblioteca Comunitária Moara
Maranhão	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Prazer em Ler Biblioteca Comunitária Arco Iris do Saber Biblioteca Comunitária Semente Literária Biblioteca Comunitária Mundo do Saber Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria Biblioteca Comunitária Josué Montello Biblioteca Comunitária Wilson Marques Biblioteca Comunitária Caminho do Conhecimento Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo Biblioteca Comunitária da Residência 05 Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária O Fantástico Mundo Da Leitura Biblioteca Comunitária Viajando pela Alegria do Saber Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária Cora Coralina
São Luís	
Ceará	Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança Biblioteca Comunitária Criança Feliz Biblioteca Comunitária Jardim Literário Biblioteca Comunitária CL Professor Leonidas Magalhães Biblioteca Comunitária Famílias Reunidas Biblioteca Comunitária Mundo Jovem Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias Biblioteca Comunitária Casa Cambao de Sabiaguaba Biblioteca Comunitária Plebeu - Gabinete de Leitura Biblioteca Livre Curio
Fortaleza	
S. G. do Amarante	Biblioteca Comunitária Literataca
Pernambuco	Biblioteca Popular do Coque Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura Biblioteca Comunitária Educ Guri Biblioteca do Cepoma
Recife	
Jaboatão dos Guararapes	Biblioteca Comunitária do Peró
Olinda	Biblioteca Multicultural Nascedouro Biblioteca Comunitária Lar Meimei
Bahia	
Salvador	Biblioteca Comunitária Clementina de Jesus Biblioteca Comunitária do Calabar Biblioteca Comunitária Condor Literário Biblioteca Comunitária de Italo Biblioteca Comunitária Novo Amanhecer Biblioteca Comunitária Padre Alfonso Pacciani Biblioteca Comunitária Padre Luis Campinotti Biblioteca Parque São Bartolomeu Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Sandra Martini Biblioteca Comunitária São José de Calazans Biblioteca Comunitária Sete de Abril Biblioteca Comunitária Tia Jana Biblioteca e Infocentro Maria Rita Almeida de Andrade
Minas Gerais	
Belo Horizonte	Biblioteca Comunitária Livro Aberto
Betim	Biblioteca Comunitária Professor Arlindo Correa da Silva Biblioteca Comunitária Cantinho dos Sonhos Biblioteca Comunitária Saldão do Encontro
Sta. Luzia	Biblioteca Comunitária Corrente do Bem
Sabará	Borrachaloteca
Rio de Janeiro	
Rio de Janeiro	Biblioteca Comunitária Wagner Vinício Biblioteca Comunitária do Cerro Corá Biblioteca Comunitária Palavras Compartilhadas Biblioteca Comunitária Atelier das Palavras Biblioteca Comunitária Carolina Maria de Jesus Biblioteca Comunitária Jurema Gomes Baptista Biblioteca Comunitária Elias José Biblioteca Comunitária Walter de Araújo
Duque de Caxias	Biblioteca Comunitária Josimar Coelho da Silva Biblioteca Comunitária MANN'S Espaço Literário Balaio de Leitura Varanda Literária Maria de Lourdes Miranda Biblioteca Comunitária Vila Aracy
Nova Iguaçu	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Thalita Rebouças Biblioteca Comunitária Olhar Cultural Biblioteca Comunitária Prof Judith Lacaz Biblioteca Comunitária Mágica Biblioteca Comunitária Ziraldo Biblioteca Comunitária Zuenir Ventura Biblioteca Comunitária Três Marias Biblioteca Comunitária J. Rodrigues
Paraty	Bib. Com. Centro de Educação Integral Caiuru Laranjeiras Bib. Com. Centro de Educação Integral Caiuru Patrimônio Bib. Com. Centro de Educação Integral Caiuru Ponta Negra Biblioteca Comunitária Casa Azul Biblioteca Comunitária Colibri Biblioteca Comunitária Itema Biblioteca Comunitária Regina Célia Gama de Miranda
São Paulo	
São Paulo	Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura Biblioteca Comunitária Cultura no Quintal Biblioteca Comunitária Solano Trindade Biblioteca Comunitária Ademir dos Santos Biblioteca Comunitária Djeanne Firmino Bib. Com. EJAAC - Espaço Jovem Alexandre Araujo Chaves Biblioteca Comunitária de Heliópolis
Guarulhos	Biblioteca Comunitária Picaideiro da Leitura
Mauá	Biblioteca Comunitária Mundo dos Livros Biblioteca Comunitária do CCDL
Rio Grande do Sul	
Porto Alegre	Biblioteca Comunitária Girassol Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto Biblioteca Comunitária do Arquipélago Biblioteca Comunitária do Arvoredo Biblioteca Comunitária Cepimoteca Biblioteca Comunitária Chocolate Biblioteca Comunitária Cirandar Biblioteca Comunitária Visão Periférica Espaço Multicultural Livros sobre Trilhos Biblioteca Comunitária do Cristal
Dist. Federal	
Brasília	Biblioteca Escolar e Comunitária da EQS 108/308

QUER DISTRIBUIR O RELEVO?
ESCREVA PARA CONTATO@JORNALRELEVO.COM

Onde posso encontrar um Jornal RelevO para esboçar um sorriso enquanto leio?

ACRE

Rio Branco Livraria N&S / Livraria Paim / Estante do Livro

ALAGOAS

Maceió Casa de Cultura Luso-Brasileira

AMAPÁ

Macapá Livraria Diniz

AMAZONAS

Manaus Kalena Café / O Alienígena Acervo e Espaço Cultural / Sebo Edipoeira

BAHIA

Salvador Boto-Cor-de-Rosa / Midiatouca / Livraria LDM (Brotas, Glauber Rocha e Shopping Passeo Itaipara) / Leitura Vale do Aço

Lauro de Freitas

Livraria Dom Casmurro

Vitória da Conquista

Livraria LDM

CEARÁ

Fortaleza Livraria Lamarca / Sebo Elenia / Livraria Arte & Ciência / Livraria Stará

DISTRITO FEDERAL

Brasília Banca da Conceição / Livraria, Café e Bistrô Sebinho / Centro de Vivência / Ernesto Cafés Especiais / Rapport Cafés Especiais e Bistrô / Quantocafé / Martinica Café / Vicalli

Caixa Cultural / ONG Moradia e Cidadania / Instituto LGBT

Celiândia

Jovem de Expressão

ESPÍRITO SANTO

Vitória Torre de Papel

Dores do Rio Preto

A Cafeteria

Guarapari

Banca da Lua

São Mateus

Livraria Sebo & Arte

GOIÁS

Goianía Evoê Café Com Livros / Livraria Palavrear / Livraria Leodegária / Café Carino

Anápolis

Café S/A

MARANHÃO

São Luís Livraria Poeme-se / Sebo Arteiro / Sebo Papiro / Livraria Moderna

MATO GROSSO

Culabá Bazar do Livro Matriz / Sebo Rua Antiga / Metade Cheio

MATO GROSSO DO SUL

Campo Grande Livraria Le Parole / Livraria Oceano

Dourados

Companhia dos Livros

MINAS GERAIS

Belo Horizonte Armazém do Livro / Dona Clara / Livraria da Rua / Sebo Ubuntu / Editora UFMG / Quixote / Café do Palácio / Café 104 / Espaço Guaja

Itajubá

Lume Livraria / Sebo Bis

Juiz de Fora

Livraria Contraponto

Pouso Alegre

Sebo São Darwin

Tiradentes

Livraria Café Italiana

PARÁ

Belém Fox Livraria, Café, Papelaria e Locadora de Vídeos / Sebo do Gueto / Livraria e Editora da UFPA

Santarém BPP Sebo & Locadora

PARAÍBA

João Pessoa A Budega Arte Café / Livraria do Luiz

Viveiro Pirata / Quintal Armorial / Centro Cultural Espaço Mundo / Usina Cultural Energia / Centro Cultural Aniano Suassuna

Cajazeiras

Livraria Universitária CZ

Campina Grande

Livraria Campinense

PARANÁ

Curitiba Agendarte Livros / Sebo Releituras / Itban Comic Shop / Joaquim Livros & Discos / Livraria Arte & Letra / Livraria do Chaim / Sebo Arcádia / Sebo Santos / Livraria Barbante / Livraria Vertov

Supernova Cafés Readers / Rause Café / Café Mite / Café Lisboa / Café do Viajante / Chelsea Café / Café do MON / Magnólia Café / Panificadora Quintessência / Provence Boulangerie / Bolonque Café Bar Plantas / Brooklyn Café / Café Avenida / Café Transsu / Espresso Café / Café do Mercado / Café do Teatro / Kaveh Kanes / Fingon Café / Moto Racer Café

O Torto Bar / Tuboteca / Freguesia do Livro / Centro Europeu / Baba Salim / Kikos Bar / Biblioteca do Paço / Biblioteca Pública do Paraná / Selvalica Ações Artísticas / SESC da Esquina / Paço da Liberdade

Apucarana

SESC Apucarana

Araucária

Banca da Aracy / Duetto Café

Casa Elisue Voronkoff / FISK / Porão do Cavalo Baio

Caioabá

SESC Caioabá

Campo Largo

Barba Camisetas / Inspirare

Cornélio Procopio

SESC Cornélio Procopio

Foz do Iguaçu

SESC Foz do Iguaçu

Francisco Beltrão

SESC Francisco Beltrão

Guarapuava

Gato Preto Discos e Livros / A Página Livraria

SESC Guarapuava

Ivaiporã

SESC Ivaiporã

Jacarezinho

SESC Jacarezinho

Lapa

Livraria & Papelaria Nanise / Panificadora Zeni

Londrina

Livraria da Silvia / Nosso Sebo / EDUEL

SESC Londrina (Cadeião e Centro)

Maringá

Café Literário

Medianeira

SESC Medianeira

Morretes

Café e Restaurante

Pato Branco

Alexandria Livraria e Cafeteria

SESC Pato Branco

Ponta Grossa

Verbo Livraria / Sebo Espaço Cultural I e II

Hostel Paraná / Phono Pub / Frederico Cervejas & Cervejas

São José dos Pinhais

Sebo da Visconde

São Mateus do Sul

Vitors & Cia

Toledo

Livraria Baluarte

Umuarama

SESC Umuarama

PERNAMBUCO

Recife Livraria Praça de Casa Forte / Livraria Idéia Fixa / Varejão do Estudante

Clandestino Café / Borsoi Café Clube - PINA / Borsoi Café Clube - CALIFORNIA / A Vida É Bela Café / Malakoff Café / Brigadeiro Café

Garanhuns

Livraria Casa Café

Olinda

Sebo Casa Azul

Salgueiro

Capabella Sebo

PIAUI

Teresina Café da Gota Serena / Café Art Bar

RIO DE JANEIRO

Belle Epoque Discos e Livros / Livraria Leonardo da Vinci / Bloco Livraria / Livraria Argumento Leblon / Livraria Argumento Rio Design Barra / Livraria Beco das Letras / Arlequim / Letra Viva Filial / Livraria Berinjela / Livraria e Edições Folha Seca / Banca do André / Livraria da Editora UFRJ / Banca dos Advogados

Café Pingado

Espaço Saracura / Cine Jôia

Arauruama

Livraria Castro Alves

Cabo Frio

Sebo do Lanati / O Sebo Antigo

Mesquita

Sebolinha Livros e Revistas

Nova Friburgo

Sabor de Leitura

Paraty

Livraria de Paraty

Teatro Espaço / Casa da Cultura de Paraty

Petrópolis

Livraria e Bistrô de Itaipava

Seropédica

Canto Geral Livros e Discos

Três Rios

Livraria Favorita

RIO GRANDE DO NORTE

Natal

Sebo Café / Cooperativa Cultural Univ. do RN

Mossoró

Resebo

Praia da Pipa

Book Shop

RIO GRANDE DO SUL

Porto Alegre

Criklú / Livraria Bamboletras / Livraria Baleia / Livraria Raizes / Livraria Taverna / Traça Livraria

Café Cartum

Galeria Hipotética

Bento Gonçalves

Dom Quixote Livraria & Cafeteria / Papparazzi

Canela

Empório Canela

Caxias do Sul

Do Arco da Velha Livraria & Café

Dulce Amore Café & Algo Mais

Frederico Westphalen

Vitrola

Lajeado

Livraria do Vale

Pelotas

Livraria Vanguarda

Santa Maria

Athena Livraria (Floriano e Praça Nova) / Anaterria Livros / CESMA

São Francisco de Paula

Miragem Livraria

Venâncio Aires

Castelo Livraria & Café

RONDÔNIA

Porto Velho Magda Livros / Livraria Central / NovaLetra Livros, Testes & Cursos

RORAIMA

Boa Vista Lapis na Mão

SANTA CATARINA

Florianópolis Sebo Ilha das Letras / Letraria / Livraria Livros & Livros / Café Cultura Lagoa da Conceição / Café Cultura Primavera / Café Cultura Shopping Iguatemi / Café Cultura Multi Open Shopping / Café Cultura Aeroporto Hercílio Luz

Tralharía

Balneário Camboriú

Santo Livro Livraria e Bookstore

Café Cultura Balneário Shopping

Blumenau

Livraria Blulivro

Brusque

Livraria Saber

Caçador

Livraria Selva

Criciúma

Café Cultura Nações Shopping / Café Cultura Metropolitan Business Center

Livraria Fátima

Joinville

Barba Ruiva Livros & Discos

Casa 97

Mafrá

Restaurante Amora Sustentável

Morro da Fumaça

Livraria Beco Diagonal

São Bento do Sul

Dom Quixote Livros

São José

Sebo Ilha das Letras

Café Cultura Continente Shopping

Tubarão

Libretto Livraria

Café Cultura Farol Shopping

SÃO PAULO

Comix Book Shop / Catavento / Intermeios Casa de Arte e Livros / Livraria Zaccara / UGRA PRESS / Bloco Livraria / Banca Curva / Desculpe A Poeira / Patuscada Bar / Livraria NoveSete / Banca Tatu / Livraria Roteiro / Livraria Simples / EDUSP / UNESP / Espaço Itai Augusta / Livraria Mandarina / Casa Plana

A Casa Tombada / Casa Guilherme de Almeida / Teatro do Centro da Terra / Matilha Cultural / Estúdio Lámina / Tapera Tapera / Casa do Povo / Casa das Rosas / Instituto Moreira Salles / Escrevedeira / Literário Café & Coworking

Araçatuba

Sebo Dom Quixote

Araraquara

Casa da Cultura / Palacete das Rosas

Livraria Murad

Botucatu

Sebo Alfarrábio

Campinas

Livraria Pontes / Sebo Porão / Livraria Iluminações / Contracultura

TORTA - Espaço para um Dedo de Poesia

Campos do Jordão

Livraria Jaguaribe

Franca



CLASSIFICADOS

DECORAÇÃO NAFTALINA
PARA EVITAR UM NATAL ÀS
TRAÇAS, USE

AS BOLINHAS MAIS IRADAS...
EI, BABY, JÁ TOMOU NAFTALINA
HOJE?
CROC, CROC; HUMMMMMM...
AQUI BATEU GOSTOSO!

PANETONHA/CHOCOTONHA
PRIMEIRO PANETONE
APROVADO PELA ANVISA
PARA USO EXCLUSIVAMENTE
MEDICINAL*
SABOR CANNABIS
CRISTALIZADA
SABOR BEM-BOLADO
SABOR "BRIGADEIRO"
LIMITE DE 3 UNIDADES PARA
QUEM LEMBRAR O CPF
PRODUTO LIVRE DE LOW
CARB
NÃO DEIXA CHEIRO



FISK

CENTRO DE ENSINO
3642-3690 **3031-7040**
R. JOÃO PESSOA, 35 - ARAUCÁRIA/PR

livros | vinis



Joaquim
Livraria & Sebo

R. Alfredo Bufren, 51
Centro Curitiba-PR

info@joaquimlivraria.com.br fb.com/joaquimlivraria

DE NATAL

PROCURA-SE

PAPAI NOIÃO
SAIU DE CASA APENAS COM
UM GORRO, UMA TEVÊ DE
32 POLEGADAS E O LEITE
CONDENSADO DA CRIANÇA
DE SEIS MESES

COMPRO

BONECO CAVALEIROS DO
ZODÍACO
CLOTH MYTH CYGNUS
HYOGAV3
TROCO PELO MEU CU



Rua Bahia, 322, Iguçu ARAUCÁRIA-PR
Facebook: lindagroupasepresentes



Rua Heitor Alves Guimarães, 677,
Centro ARAUCÁRIA-PR
(41) 99799-5340 | 3031-5340

Carnaval e rebaixamento: os anos de Edmundo no futebol italiano

Nelson Oliveira

Edmundo nunca quis agradar a todos. E, de fato, nunca agradou. Amado por muitos e odiado por outros tantos, o atacante sempre viveu de extremos. Besta e bestial, louco e lúcido, simples e exagerado, irreverente e grosseiro, agressivo e sentimental, goleador e perdedor de pênaltis, mocinho e vilão. Humano e Animal.

Todas essas características fizeram de Edmundo um dos jogadores mais peculiares dos anos 90 — nos anos 2000, o Animal, mais experiente, começava a se amansar e a medir seus atos. Quando foi negociado pelo Vasco com a Fiorentina, no fim de 1997, Edmundo estava no auge da carreira e já havia vencido praticamente tudo no Brasil e, também, vivido todo tipo de polêmica. Mesmo antes de estreiar profissionalmente, em 1992, ele já havia sido expulso da base do Botafogo por ter andado nu na concentração e ter sido surpreendido por um dirigente.

Acabou retornando para o Vasco, clube do qual é torcedor e onde começara sua carreira na base. No cruzmaltino, teve grande sucesso pelo time principal, em jogos do Campeonato Brasileiro e do Carioca, mostrando os atributos que o acompanhariam ao longo da carreira: explosão, habilidade, uma perna direita calibrada, objetividade, muita mobilidade na frente e dos lados da área e, claro, faro de gol.

Com apenas 21 anos, foi convocado para a seleção brasileira — com a qual jogaria a Copa América de 1993 — e, depois, acabou negociado com o Palmeiras.

Pelo alviverde, jogou ainda mais bola e fez parte do histórico time palmeirense que marcou mais de 100 gols em um ano. Ainda ajudou o time a sair da fila desde os anos 70, com o título paulista e, principalmente, do bicampeonato do Brasileirão, virando ídolo da torcida e ganhando o prêmio Bola de Prata, da *Placar*. Em São Paulo, Edmundo começou a demonstrar seu lado agressivo e ganhou de Osmar Santos o apelido de Animal, que o acompanharia ao longo da carreira.

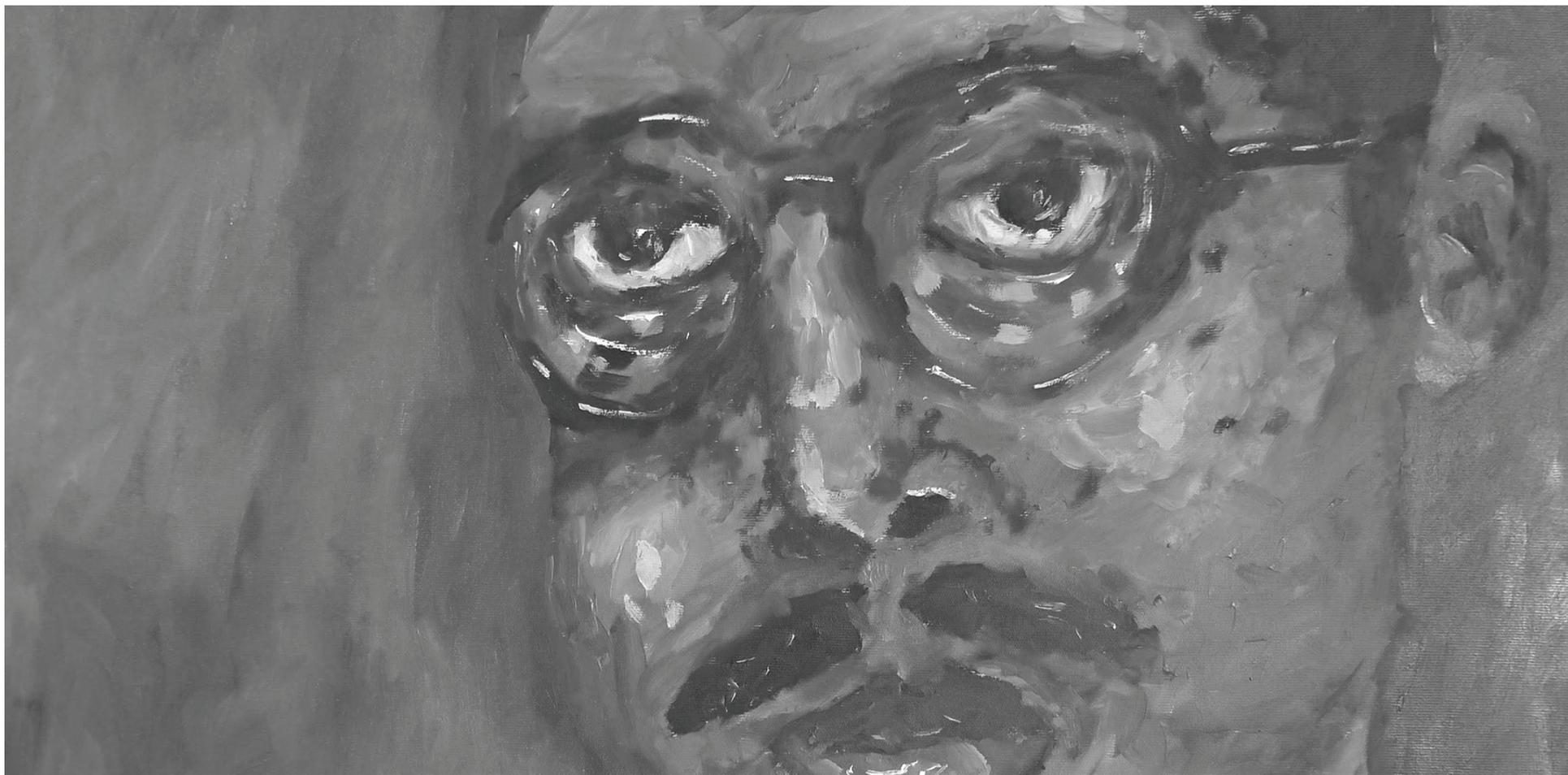
Ainda no Palmeiras, depois de um jogo da Libertadores, contra o El Nacional, em que perderia um pênalti, acabou agredindo um repórter e teve de ficar preso em Guayaquil por seis dias. Internamente, Edmundo tinha mau relacionamento com o técnico Vanderlei Luxemburgo e com alguns jogadores do elenco. Em 1995, foi para o Flamengo, com a ideia de formar o “ataque dos sonhos” com Romário e Sávio, mas o único sucesso foi da passagem foi o “Rap dos bad boys”, composto com o Baixinho.

Quando estava no clube, o Animal ainda protagonizou uma briga com o zagueiro Zandoná, do Vélez Sarsfield,

e também causou o acidente automobilístico que matou três pessoas, no Rio de Janeiro, pelo qual seria preso — e liberado, via habeas corpus — quatro anos depois. Acabou retornando para São Paulo, para defender o Corinthians, mas também não teve sucesso. Acabou retornando, inicialmente sem permissão, mais uma vez para o Vasco.

Na segunda passagem pelo Vasco, Edmundo reencontrou a paz. Ajudou o Vasco a se livrar do rebaixamento em 1996 e, em 1997, foi o grande nome do time da Colina na conquista do tricampeonato brasileiro, quando reeditou dupla de sucesso com Evair. O Animal marcou 29 gols, batendo recorde de gols marcados em uma única edição do Brasileirão e, de lambuja, marcou três na semifinal contra o Flamengo. Jogando pela seleção brasileira, foi titular na Copa América daquele ano e ainda marcou um gol na final contra a Bolívia, ajudando o Brasil a conquistar o título.

Pelo que jogou naquele ano, foi tido por muitos comentaristas como um dos melhores jogadores em atividade. E por algumas polêmicas daquele ano, como a rebolada frente ao botafoguense Gonçalves, companheiro de seleção, a comemoração debochada na semifinal do Brasileiro contra o Flamengo, por ter chamado o juiz cearense Dacildo Mourão de “paraíba”



e por ter forçado uma expulsão para poder jogar a segunda partida da final contra o Palmeiras, ficou ainda mais marcado.

Vendo em Edmundo um grande talento a ser explorado, e com apenas 25 anos, a Fiorentina decidiu desembolsar cerca de 9 milhões de dólares para tê-lo. No clube de Florença, Edmundo chegaria para fazer dupla letal com Gabriel Batistuta, matador por excelência. Endinheirada, a sociedade dirigida por Vittorio Cecchi Gori buscava chegar à Liga dos Campeões e, para isso, formava grande time, com Francesco Toldo no gol, Stefan Schwarz, Andrei Kanchelskis e Rui Costa no meio, além do forte ataque, que ainda tinha Luis Oliveira e Domenico Morfeo. A grande concorrência no ataque fez com que Edmundo fosse mal aproveitado por Alberto Malesani e fizesse apenas nove partidas entre janeiro e junho. Mas a média de gols foi boa: quatro marcados nestas partidas.

Edmundo foi convocado pelo técnico Zagallo para a Copa de 1998. Porém, embora estivesse em fase superior à de Bebeto, não foi titular no ataque ao lado de Ronaldo — o que até hoje gera polêmica. O atacante reclamava publicamente por não ser titular, mas quando teve chance, contra o Marrocos, atuou muito mal. Só voltaria a atuar novamente na final,

contra a França, onde até chegou a ser escalado como titular depois das convulsões de Ronaldo. Acabou no banco e entrou apenas no fim do segundo tempo, quando o jogo estava praticamente perdido.

Depois da decepção na Copa do Mundo e do quinto lugar com a Fiorentina em 1997-98, que levou a equipe viola à Copa Uefa, Edmundo teria a chance de fazer pela primeira vez uma pré-temporada por um clube europeu. As ambições da Fiorentina eram maiores: Giovanni Trapattoni chegou do Bayern de Munique para levar um time ainda mais forte, com as chegadas de Moreno Torricelli, Jörg Heinrich e Guillermo Amor à Champions. O Animal, desta vez titular, se encaixou rapidamente no esquema da equipe e fez o que dele se esperava: foi o parceiro perfeito para Batistuta. Os dois tiveram grande interação e, com Rui Costa, formaram um tridente ofensivo muito forte, que marcou, ao todo, 39 gols (21 do argentino, 10 do português e 8 do brasileiro), mais de 70% dos gols da equipe.

Edmundo, porém, não se livrara das polêmicas. Insultou Trap publicamente, ao ser substituído em uma derrota contra a Roma, e também chegou a ir às vias de fato com o reserva Emiliano Bigica, que era seu amigo. Porém, a maior de todas as polêmicas aconteceu

em fevereiro daquele ano. Em meio a uma dura sequência de jogos (Milan, Udinese e Roma, três jogos em que a Fiorentina não venceu), o Animal viajou para curtir o Carnaval — com autorização do clube, mas em um momento delicado.

O ato de insubordinação revoltou todo o grupo, e alguns jogadores, como Rui Costa, deram fortes declarações contra a falta de profissionalismo do brasileiro. Mesmo assim, Edmundo voltou ao clube e ainda jogou na temporada. Fez dois gols contra o Perugia e deixou o clube no fim de 1998-99, tendo sido importante para classificar a equipe para a Liga dos Campeões, com o terceiro lugar conquistado.

Mais uma vez, Edmundo retornaria ao Vasco — desta vez, por uma alta quantia, emprestada pelo Bank Of America, que ajudaria a quebrar o clube nos anos seguintes. Sua terceira passagem pelo clube do seu coração não foi tão positiva quanto a segunda, mas foi importante na sua carreira. Ele não conseguiu ajudar a equipe cruzmaltina a passar pelo Vitória no mata-mata do Brasileirão de 1999 e, depois, reeditou dupla de ataque com Romário, com quem não tinha boa relação fora de campo.

Com trégua declarada, os dois tiveram muito destaque no Mundial Interclubes da Fifa, disputado no Rio



de Janeiro. Edmundo fez um ótimo torneio, com destaque para atuação de gala frente ao Manchester United, partida em que marcou um golaço, entortando o zagueiro Silvestre, e ainda deu passe para o Baixinho marcar outro. Na final, contra o Corinthians, Edmundo bateu pênalti para fora e o Vasco acabou com o vice-campeonato.

As rusgas com Romário continuaram após o Mundial, e Edmundo acabou emprestado ao Santos, depois de perder a faixa de capitão da equipe carioca para o Baixinho. A passagem pela Baixada Santista foi apenas um ponto de parada antes de receber a segunda (e última) chance na Europa. Ainda impressionado pela grande atuação de Edmundo no Mundial, o Napoli decidiu assumir o risco de bancar sua contratação e o levou para a Campânia, em janeiro de 2001. Pelos *azzurri*, completamente desorganizados dentro e fora de campo, Edmundo jogou 17 partidas (todas como titular) e foi visto como uma espécie de salvador da pátria da equipe.

O atacante, porém, marcou apenas quatro gols (menos que Amoruso, que fez 10, e Pecchia, 6) e não conseguiu fazer com que o time permanecesse na elite. A última rodada, que poderia garantir o Napoli na Serie A, foi melancólica e ainda teve vitória de Pirro. Lecce, Verona e Reggina, adversárias

diretas na briga pela permanência, venceram fora de casa e nem mesmo o resultado positivo, em partida sofrida frente à Fiorentina, sua antiga equipe, com gol dele nos acréscimos, foi suficiente para manter a equipe *partenopea* na primeira divisão. Assim, Edmundo se despediu da Europa com duas outras manchas na carreira: além do rebaixamento, foi eleito um dos piores da temporada. Ainda assim, inspirou o atacante Amauri, que jogou com ele em Nápoles. Até hoje, o atacante ítalo-brasileiro diz que Edmundo é seu ídolo e modelo de atacante.

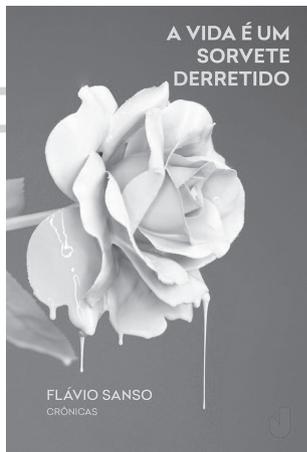
Edmundo, que já tinha 29 anos, passou boa parte da carreira sem brilho. Jogou pelo Cruzeiro e acabou saindo do clube após perder pênalti em partida contra o Vasco, depois de declarar que não gostaria de marcar contra o clube que amava, e foi jogar no Japão, onde ficou por três anos, jogando por Tokyo Verdy e Urawa Red Diamonds. Ainda jogou novamente pelo Vasco, onde ficou pouco tempo, antes de brigar com o presidente Eurico Miranda por salários atrasados.

Foi para o Fluminense, onde faria mais uma dupla sem sucesso com Romário, antes de cair em ligeiro ostracismo. Atuou dois jogos no pequeno Nova Iguaçu, do amigo Zinho, e aceitou uma proposta do Figueirense, em 2005. Pelo clube de Florianópolis,

voltou a jogar bem: marcou 15 gols no campeonato. Retornou ao Palmeiras e, mesmo veterano, teve boa participação no clube.

Em 2008, retornou ao Vasco pela quinta vez, para encerrar a carreira, mas viu o clube ser rebaixado pela primeira vez em sua história. A partida do suplício cruzmaltino ironicamente foi a última da carreira profissional de um dos maiores ídolos de toda a história do clube. Até 2012, quando Edmundo, três anos após parar, voltou a campo para sua partida de despedida. Ele marcou dois gols no 9 a 1 contra o Barcelona de Guayaquil, adversário da final da Libertadores de 1998, vencida pelo Vasco, mas na qual não atuou porque havia se transferido para a Fiorentina.

A partida de despedida de Edmundo também foi notícia na Itália, país pródigo em formar jogadores com temperamento explosivo e de atitudes controversas, tal qual o Animal. Jogadores que logo conquistam sua própria torcida e se fazem odiar por outras, gente da estirpe de Marco Materazzi, Antonio Cassano e Mario Balotelli. Gente que, um jeito ou de outro, foge do óbvio e acaba deixando o futebol mais imprevisível e mais divertido de se ver.



David Arrigucci Jr., referindo-se a Rubem Braga, o mais notável de nossos cronistas, sugere que “a crônica é a forma complexa e única de uma relação do eu com o mundo (...). Uma arte narrativa, enfim, cotidiana e simples, enroscada em torno do fato fugaz, mas liberta no ar, para dizer a poesia do perecível.”

Se é assim, esta coletânea de crônicas pode ser considerada um tributo a esse gênero literário, na medida em que o autor, sempre posicionado como observador discreto, joga luzes sobre ocorrências efêmeras, traçando um retrato sensível de pessoas, animais e lugares que, de despercebidos, são alçados a protagonistas (por que não heróis?) do cotidiano.

Enfim, como anunciado na primeira de suas crônicas, este é um livro que celebra os mais comecinhos momentos que pululam por aí. Espalhados por toda parte, estão disponíveis a quem quiser enxergá-los como “poesia do perecível”.

O baixo ventre no alto da cabeça

Daniel Batista de Siqueira

aos versejadores adeptos do spam.

Poetastro, se me tens misericórdia,
Poupa-me esses meus olhos da mixórdia,

A qual tomas por versos de poesia,
Versos de um intestino que esvazia

Seu conteúdo malcheiroso e fétido.
Terás assim — quem sabe? — algum crédito...

O baixo ventre no alto da cabeça
— Que todo assim as artes não exerça!

A Burrice e a Preguiça

O bifronte monstrengo,
O que em tudo me enguiça,
Paralisa-me o quengo
Dormitando-me insone —
Cada cabeça, um nome:
A Burrice e a Preguiça.

Sempre adiantado nas tendências do atraso, nós do Jornal RelevO já pensamos em como será nossa trilha de sucessos em 2020, quando completaremos dez anos de serviços prestados a nós mesmos. Por isso, trazemos a público o resultado periclitante de nossas últimas reuniões: entre o invendável e o imprestável, eis o imperdível!



RelevO Educa Brasil 2020

Projeto pioneiro que ambiciona retirar as crianças da escola em tempo integral e direcioná-las para a saudável prática de vender assinaturas para algum jornal de literatura — coincide aqui de ser o **RelevO**. Entendendo que é importante não dar o peixe e sim ensinar a criança a pescar e embrulhar o peixe com jornal, as crianças serão remuneradas de acordo com a produção dos editores do jornal, recebendo no regime norte-americano de *fast-food*, com hambúrguer caseiro (feito por elas) toda sexta-feira. Nas férias bissextas, as crianças terão a oportunidade de conhecer a sede rotativa do periódico, desenvolvendo, assim, habilidades físicas (caminhada) e motoras. Também aprendem a dirigir para levar os editores a encontros de casais.

Doc RelevO ou Rascunho 10 Anos

Em 2020, o **RelevO** completa 10 anos. Por quê?, você sabiamente pergunta. A gente também. Em comemoração a uma década de equívocos, o **RelevO** coletará depoimentos dos inúmeros assinantes do periódico que compraram a nossa anuidade achando que era o *Rascunho*, um jornal melhor e com colunistas que usam a expressão *arco narrativo*. Também ouviremos o editor do periódico ao lado ou acima para saber como foi receber, ao longo de dez anos, exemplares de livros de assinantes do **RelevO** com sonhos interrompidos por confusão no campo “Destinatário:” (ou, para ser justo, por limitações cognitivas mais sérias que levam ao erro de destinatário).



Cartas do Pentelho Príncipe

O **Selo RelevO** de livros importantes até a Proclamação da República traz ao mercado a reedição do clássico *Pentelho Príncipe*. Sinopse: um monarquista cai no Twitter e diz ter vindo de um pequeno planeta distante, com 17 nomes e difícil de escrever em plataformas com restrição de caracteres. Cruzando — simbolicamente — com o monarquista, uma *camgirl* decide ganhar um dinheiro muito fácil, porém, para isso, precisa ouvir as palestras de seu novo amigo. A releitura do clássico de Saint-Exupéry, traduzida por Nando Moura, traz consigo uma centena de tatuagens de chiclete para que você possa expor, aos olhos alheios, que o essencial é invisível aos olhos.

Poeta Sem Fronteiras

Poeta tem dinheiro para viajar? Não. Poeta tem dinheiro para ficar em algum lugar? Também não. Assim, o **Relevo** promulgará, em idos de janeiro, antes do Carnaval mesmo – para o poeta não se sentir excluído da festa e das divisões capitalistas de bebida da festa –, o primeiro Poeta Sem Fronteiras. O edital consiste em sete tópicos:

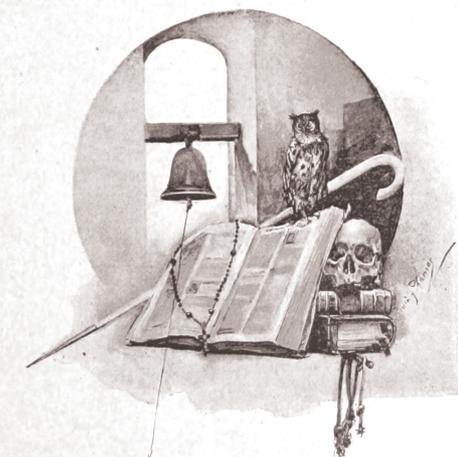
1. Envio de três “poemas” do autor;
2. Envio de três alugueis atrasados do autor;
3. Envio de foto de dois filhos não planejados;
4. Envio de comprovante de negativação no SERASA;
5. Envio de três áudios de “poemas” publicados;
6. Não envio de diploma de capacitação profissional;
7. Carta de motivação.

O vencedor será aquele capaz de seguir todas as instruções supracitadas. Em caso – improvável – de múltiplos registros corretos, a comissão julgadora classificará o autor com mais piolhos. A premiação levará o autor a lugares não facilmente localizados no mapa-múndi, como Palau, Nauru, Tuvalu e TeuCu kkkkkkkk aqui não fdp.



E-Book Guia do Impresso

Por que, entre tantas coisas legais no mundo, escolher fazer um periódico de papel e de literatura? Pois é. O e-book *Guia do Impresso* ensina o cidadão de índole duvidosa a produzir um jornal de papel e de literatura. Se isso já parece insuportável o suficiente, espere até o capítulo “Como Forçar Seus Amigos e Influenciar Pessoas a Assinar o Seu Projeto”. Da concepção imunda à morte natural, o *Guia do Impresso* dará dicas de como fracassar com regularidade e fornecerá estratégias de sobrevivência para hackear a internet do vizinho, considerando o atraso usual de pagamento de quem escolhe um caminho tão estúpido para juntar capital simbólico.



Festival MaSOMnaria

A pedreira D. Pedro I vai estremecer com o primeiro festival de música maçônica do Brasil! São mais de 80 bandas maçônicas trafegando entre todos os gêneros possíveis (exceto o feminino...). São quatro palcos: *Washington main stage*, *palco Olho*, *Churchill State stage* e *garden Simón Bolívar*. Venha usar roupas da hora e ficar semiótico da cabeça. Ingressos à venda em qualquer loja. Entrada na faixa para quem acertar o cumprimento. Encerramento às 5h com o Dj Salomão.



VAR: o jogo de tabuleiro

Você conquistou Dudinka... se o Daronco permitir! Opa... Vai consultar. Está ANULADA a conquista de Dudinka. Você tem apenas Labrador e Vladivostok. Não comemore antes da hora: o jogo de tabuleiro mais esperado do ano promete reações *violentas* em família!

Selma: a rainha da rua sete

Jordana Machado

Selma morava na esquina da rua sete. A janela do seu quarto dava de frente pra uma encruzilhada. Muitos diziam que era preciso sair dali pra encontrar um bom lugar de deixar os presentes, os pedidos e os sentimentos. Diziam que os becos e vielas se entrecruzavam tanto que não era possível identificar com clareza o que era e o que não era uma encruzilhada. A favela inteira era a própria encruzilhada. Mas Selma não se importava com falatório, pois sabia que ali a cabeça abaixava somente pra fé e pras armas.

Daquela janela já tinha visto um bocado de coisas, e nas noites de lua cheia o cheiro de pipoca subia misturado com o cheiro de pólvora. Lembra que, quando era menina, via que as pessoas nos filmes costumavam pular a janela quando não podiam sair de casa. Por aqui as pessoas costumam se jogar no chão ou se enfiarem debaixo das mesas. Chegou a sonhar bastante com as coisas que assistia na TV, mas foi muito rápido que o seu papel na vida real se desenvolveu.

Todo mundo conhece a Selma aqui por essas bandas. Minha irmã conhece a Selma. Minha mãe e minha vó conheceram a Selma. E a mãe da minha vó tem uma dívida com a Selma até hoje. O nome da Selma correu os becos e vielas dos bairros dessa cidade. Muitas

mulheres batizavam suas bebês com o nome da Selma e festejavam por três noites a honra de poder cravar e cravar seu nome. É como se toda menina descendesse de uma Selma que, no correr de todos os anos e estações, nunca deixou uma filha sua com a boca vazia.

Mas a Selma mesma, ela era infundível, ela era somente ela. Selma não pulava janela e nem se jogava no chão, e a porta da sua casa era um portal que nem o vento ousava se meter sem benção. De manhã cedo, passava um café que ela tomava sem açúcar e sentava naqueles três degraus, o sol já havia flambado o cimento. Selma era como um Jequitibá, a rainha da mata e do lado sul do mapa, sua cabeleira cacheada era seu guarda-sol e seu guarda-chuva. Suas canelas grossas eram suas raízes e, quando sentava de perna aberta, amarrava a saia numa das coxas e piscava em câmera lenta, como se cada pálpebra estivesse fotografando a nossa mente. Sua língua era imune ao amargo, sua pele de camaleão não sucumbia à temperaturas ou ferimentos. Os caras no bar diziam que ela era casca-grossa, e eles tinham razão, literalmente. Os caras no bar dizem muita coisa, eles se consideram muito espertos, mas tenho lá minhas dúvidas. Selma não tinha dúvidas.

Ficava ali observando o sobe e desce, os passos lentos e as correrias.

Foi observando que aprendeu tudo o que sabe. Sempre foi daquele tipo que presta bastante atenção antes de falar ou fazer. Isso pode ter causado alguma desvantagem no passado, quando seus inimigos acreditavam que suas poucas palavras significavam medo, mas esse jogo virou quando Selma aprendeu a usar suas armas e também as armas que usaram contra ela. É comum que as pessoas digam que o certo é não descermos ao nível de quem nos fere. Até Jesus tinha dito isso. Mas é como eu já disse, a Selma não gosta de falatório, não. Ela fez e ensinou suas próprias leis e tudo era bem simples: se você estava pelo bem, Selma estava pelo bem, mas se você estava pelo mal, você devia se preparar.

Selma nasceu como todas as outras Selmas. Selma nasceu como toda mulher. Selma não nasceu Selma que mora na esquina da rua sete. A Selma teve que lutar contra mil demônios pra nascer a Selma que a gente conhece. E a Selma que a gente conhece já faz tanto tempo que a Selma de antigamente é capaz que nem ela saiba mais quem foi. Isso é o que a gente pensa. No passado da Selma fez muito sol, mas não era aquele sol ameno, aquele sol gostoso, aquele sol importante pra fazer florescer as plantações. O sol que fez incendiou as sementes, secou a terra da Selma. Ela

fazia o que podia, fazia o que ensinaram a fazer, plantava as sementes, e todo sol que chegava fazia a Selma chorar e ela fica ali torcendo pra ser a última vez, ficava torcendo, e torcendo. O sol que chegava não sabia como tinha sido as estações pelas quais a Selma já tinha passado e nem se interessava em saber, ele só queria brilhar. O sol que chegava num instante ia embora, depois voltava, pra depois sumir de novo. O sol que chegava num instante brilhava de um jeito, depois de outro jeito, como se fosse um aparelho de som com o botão emperrado.

Selma observava e, de tanto observar, aprendeu a fazer com quem chegava o mesmo que faziam com ela. Foram poucas as vezes, mas também soube ser e retribuir luz amena e florescimentos, e ainda hoje, quando é o caso, aquece e faz sombra como num precioso e raro fim de tarde. Mas foi seu aprendizado de como secar o deserto que fez a morada da sua fama. E foi assim que a Selma renasceu, foi assim que ela aprendeu e ensinou a confortar ou a confrontar conforme o samba que estiver tocando. E foi assim que a Selma virou o nosso carro abre-alas, a nossa comissão de frente e a nossa madrinha.

Aquilo ali virou flor que não se cheira. Ficava de tocaia, e os marmalhos se abriam quem nem mala velha.

No começo era silenciosa como uma nuvem, ela entrava no ringue sem luvas e gingava com a sutileza de uma bailarina e a atenção de um leopardo. Não demorava muito e a festa começava. O cenário era um campo minado em que o rapaz jogava as bombas que ele mesmo pisava na sequência. A coisa era que o desgraçado não morria. Mas Selma tinha o fôlego bom mesmo com o cigarro meio apagado no canto da boca e não tinha pressa. Sabia atacar com elegância e eloquência, mas também se fazia de sofrida e chorosa, quando, na verdade, a força que fazia pra não dar risada acabava molhando sua calcinha de xixi.

Selma costumava dizer que ainda estava pra nascer a semente que conseguiria florescer na sua barriga. Nenhum homem vivo era páreo pra força dos seus encantos e dos seus mistérios. Nenhum homem vivo aguentava por muito tempo uma queda de braço com suas palavras. Eles não entendiam o que ela dizia, alguns fingiam que não entendiam e, no fim das contas, a questão não era sobre eles não entenderem, mas sobre ela falar pra eles. Não joguem pérolas aos porcos, joguem lavagem. As filhas de Selma se tornaram tão poderosas que seus sacos de pérolas chegavam a transbordar, então algumas vezes elas jogavam algumas pro alto por pura

diversão e tédio.

Um dia, a mãe da minha vó teve sua plantação incendiada, e nada deixava Selma mais incomodada do que ouvir os estalos de fogo numa boa plantação. Ainda mais quando esse chama causava estrago impressionante, ainda mais quando esse dano vinha de uma fagulha que se considerava uma fogueira. Da rua um até a rua quinze corria o falatório de promessas não cumpridas, de coisas ditas sem certeza. Mas a palavra de Selma não fazia curva. Nunca tinha parido uma filha, e não se sabe como, e nem ninguém nunca ousou questionar, mas das suas tetas saiu leite que encheu a boca de muitas meninas, e quem tomou do leite da Selma não podia chorar em vão, assim como uma teta que dava leite não estava pra brincadeira e nem pra falatório. Falatório estremecia suas entranhas porque ela tinha aprendido o poder que as palavras têm e que ninguém deve abrir a boca se não for pra se alimentar ou alimentar outra pessoa.

Selma desamarrou a saia das coxas e cada passo que dava fazia as portas das casas se entreabrirem com a força do vento, do mesmo modo que parecia um convite pros moradores irem ver o que estava pra acontecer. O vento não entrava na casa da Selma sem pedir licença, mas se ela chamasse por ele é certo que viria. E ele veio. O vento fazia os presentes ficarem com os braços arrepiados, o vento saia das ventas da Selma. O sujeito já estava balançando no meio da rua, talvez por causa do vento ou por causa da pinga.

Selma sabia que nem teria muito trabalho, mas não desamarrava sua saia à toa, e já que estava ali, a festa ia começar.

O sujeito já sabia do que se tratava quando viu os olhos da Selma bem pertinho dos seus, porque, afinal, todo mundo que fala demais e faz de menos sabe bem como é quando chega a hora da cobrança. Selma sabia que ele já tinha quebrado muito a cabeça por aí, mas parece que não foi o bastante. Quando ele ameaçou desabar no chão, ela enfiou as duas mãos na sua boca. Começou aquele barulho de ânsia de vômito com tentativas de falar.

A lição a ser aprendida ali era não falar coisas por falar ou sem ter certeza do que se está falando, e mesmo assim ele não parecia estar disposto a entender. Foi quando Selma decidiu ir além e agarrou a língua do pobre coitado. Ela segurou a língua do infeliz e torceu, torceu, torceu como se estivesse torcendo uma toalha molhada. A unha do seu polegar se tingiu do vermelho do sangue, e ela apenas parou quando viu a ponta da língua dele pulando na palma da sua mão. Agora mesmo que ele não entendesse a lição, seria bem mais difícil entenderem qualquer coisa que ele viesse a dizer dali pra frente.

Selma jogou a ponta da língua prum cachorro que passava na hora. Desse dia em diante, pra cada ponta de língua que arrancava, ela pintava a unha responsável com esmalte vermelho. ■



editora penalux

Editora
Penalux
Porque livros iluminam

www.editorapenalux.com.br

originais@editorapenalux.com.br



R. Miguel Bertolino Pizatto, 1764, Iguaçu ARAUCÁRIA-PR
parkcenteroil@hotmail.com
**Troca de óleo e filtros automotivos | Venda de lubrificantes
Freio | Suspensão e injeção eletrônica
Alinhamento, geometria e balanceamento**

Alice

João Lucas Dusi

Conto integrante de O grito da borboleta (Penalux, 2019)

É Alice devido aos cachos — loira, loiríssima — e à adaptação cinematográfica, condição clichê incontornável para uma filha de pais lisérgicos, aqueles tipos exóticos que chegaram não só a acreditar como a militar em prol das utopias da década de 60, estas que foram consolidadas, ou deturpadas, em Woodstock. Os pais tomaram ácido com Hendrix e conheceram o pessoal da Jefferson Airplane, ou ao menos gostavam de mentir sobre — esses mesmos pais que já não existem mais, não como pessoas relevantes para Alice. Ainda se mantêm os reflexos da criação alucinada, de qualquer forma, já que as mentiras e o descaso pouco importam quando se dopar é uma opção. Anos depois, agora, século 21, *White Rabbit* ainda dá o clima da madrugada.

A resina do cânhamo a acertou como uma navilouca, supersônica e sem destino, efeito este potencializado pelo quarto papel caseiro da sessão de autoanálise em andamento — método de absorção sublingual, bate rápido e com violência, a saída possível para confrontar seu algoz. Resta-lhe aguentar e confrontar o inimigo, ponderando em silêncio no escuro da pequena casa possível, num tipo deturpado de terapia viciosa e pouco funcional, ainda assim melhor do que pagar para ouvir groselha do velho freudiano, brocha e rico, que estudou quinze anos, mas nunca tomou um soco na boca para entender qual é realmente a da vida. Fácil deduzir: diria que o baseado substitui o desejo pelo falo paterno, e o mundo inteiro bateria pal-

ma pela genialidade da conclusão. Não serve para ela. Os pensamentos fluem e Alice compunge, trêmula, certa de que o Homem irá arrebentar a porta a qualquer momento e soltar alguma frase virtuosa, todo galã, teso e insaciável. Ele sempre volta. Se é certo que nunca a abandonou, vamos nos divertir um pouco, querida. Apague a luz.

É madrugada e o Homem entra sorrateiro, bafo de cachaça, aproximando-se da forma delicada sob a coberta. O álibi é o boa-noite rotineiro, caso questionado, pretexto perfeito para as rápidas incursões noturnas neste ambiente de esperança. A mão pesada, fedendo a cigarro, dedos já todos amarelados, roçam numa nádega pequena, quase masculina porque infantil. O carinho inicial, paterno, é pervertido por Eros e a língua pende, o Homem em transe, massageando levemente o membro incapaz de retesar. Ouve passos, ou acha que ouviu, gostaria de ter ouvido, e se esgueira em direção ao banheiro minúsculo e sujo — o único da casa, já que as prioridades não giram em torno do bem-estar familiar, uma vez que o desastre de existir não o permite levar a sério esse tipo de preocupação, esse erro, essa puta, sim, tornou-se uma puta já tão cedo — bem como a mãe e a irmã. Essas preocupações diárias o esgotam, e a prova real é refletida na imagem fragmentada que vê no espelho quebrado pelo soco da noite passada. O Homem pálido, estilhaçado, sorri ao pensar que está assim por dentro e por fora — estilhaçado, em busca do alívio impossível, do

contato imprudente.

Olhos de tubarão espiam pela fresta da porta propositalmente deixada meio aberta. O indicador explora a vulva, ainda com poucos pelos loiros, e um gemido é abafado quando ela se percebe observada. No rosto, um sorriso de canto e contato visual — olhos verdes claros encaram pupilas dilatadas. Difícil abandonar o que se tornou hábito, por isso o sorriso volta agora, melancólico, acompanhado do choro preso na garganta e alguma saudade da figura que partiu, viciado de merda, quando Alice decidiu, por bem, que a falta sentida não seria tão danosa quanto o desespero de conviver com o Homem, ou antes com o segredo — a impossibilidade de compartilhar suas aflições. Fugiu de casa, tipo filme ruim, viveu de subempregos e subnutrida. Até achava bonito e tentava se apegar ao charme da miséria, mas a gradual extenuação mental a fez buscar a fuga, e não na ilusão das artes, mas a fuga real, fisiológica, a mesma que neste momento a faz quase sangrar pelos olhos, ou assim parece, e faz com que sua visão transforme o mundo num mundo de luz, pupilas dilatadas como eram as do pai, por mais que o interior esteja permanentemente reservado à escuridão e que já não haja nenhuma possibilidade de romantizar o fracasso, mas somente manter essa luz sintética, bruxuleante, acesa através do quinto papel goela abaixo e do pronto arrependimento que tenta lhe dizer, racional, que todos temos limites. Volte — ou já é tarde demais? ■

Aurora

Roza Lima Romano

Primeiro os cercos sufocaram as grandes cidades, que ficaram sem abastecimento e esgoto, portanto insustentáveis. Depois as grandes fugas para o campo e para o litoral. Senhor Bruno e a neta Aurora no mato para sei lá onde.

Vô tá muito quieto, pensa a neta e diz:

— Pra onde a gente tá indo mesmo, vô?

— Pra longe da capital. Essa é a prioridade. Assim que a gente chegar no litoral, dá pra pensar melhor no que fazer.

E andavam por muitos metros no mato bravo, folhas cortantes e tudo.

E daí se ouviu um barulho na folhagem.

A princípio pensaram que fosse bicho, criação. Mas, de rumor em rumor, os passos se tornaram claros.

— Vamos, filha, a gente precisa subir nas árvores.

— Subir nas árvores? Como um senhor como tu vai subir nas árvores?

— Eu consigo me virar. E você?

Não perdeu mais segundo. Breve estavam na copa, cada um na sua.

Embaixo viram um grupo de homens, com rifles a tiracolo e mochilas. Vasculhavam o ambiente.

Esperaram anoitecer para descerem dos galhos, só para garantir.

— Vô, quem eram aqueles homens?

— Já não são homens, minha filha. Já não são mais humanos. São bichos. Comem como bichos. Roubam como bichos. Estupram como bichos. Devemos evitar esses animais.

★

— Sabe o que eu mais sinto falta?

— O quê?

— Cigarros.

— Fiquei sabendo que tem uma antiga fábrica de cigarros alguns quilômetros ao norte. Podemos pegar alguns meninos pra dar uma olhada.

— Que adianta? Mesmo se ainda tiver estoque, vai acabar. Dá na mesma.

— Não se reativarmos a fábrica.

— Mas quem iria trabalhar?

— Podemos fazer as mulheres, as crianças e os fracos trabalharem em troca de proteção.

— Como temos feito.

★

— É Aurora, né?

Não responde.

— Tanto faz. O nome é o de menos. Escuta, hoje você vai dormir na barraca do Capitão Tobias. Ele tá sedento de mulher faz tempo, e tem se segurando pelos camaradas.

Permanece quieta, assustada até o osso.

Cabo Macedo acende um cigarro.

— O Tobias gosta violento. Se prepare.

O medo desce entre as coxas. A buceta seca e fria.

— Quer um cigarro? — oferece o maço.

— Quero.

— Ah, ela fala — observa, puxando o maço para trás.

— O que você quer?

— Eu não quero nada de você. Eu acho mulher um bicho podre. Fede, fala demais. O bom é que hoje as coisas mudaram. Sabe o que eu fazia antes do mundo explodir? Eu era policial, como a maioria dos camaradas aqui. A primeira coisa que fizemos? Pegamos as armas dos quartéis, recrutamos braços, estocamos comida, tomamos mulheres e matamos os negros.

Sorriso de dentes amarelos. Aurora quieta e dócil. Pega o cigarro.

— Se você se comportar direitinho, eu posso te ajudar. Te tomo como minha mulher. Te defendo contra esses abutres. Você já sabe que de mulher eu não gosto, então não precisa se preocupar. Pode dormir tranquila na minha tenda.

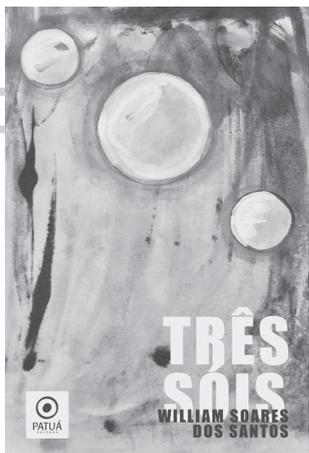
— E o que você quer em troca?

— Quero o mapa da tenda do Tobias.

★

— Vagabunda! Puta! Vadia! — gritava Macedo enquanto o amarravam no pau — Vocês vão tomar a palavra dessa miserável em vez da minha?!

— Fica quieto, seu merda — arrematou Tobias, com Aurora ao lado — Além de viado, é traidor.



TRÊS SÓIS

WILLIAM SOARES
DOS SANTOS

ED. PATUÁ

"Com efeito, o livro, dividido em cinco partes, todas abrindo com sugestivas ilustrações e epígrafes de autores consagrados, da antiguidade aos nossos dias, tece uma espécie de arco, que vai do registro de um fenômeno meteorológico inusitado, que ocorre em regiões nórdicas, ao registro inquietante do próprio fenômeno poético, "sem pano para esfinge,/sem sombra alheia". Diante da envergadura desse arco de estranhezas, o autor confessa que "a poesia que escrevo agora/quer apenas/a claridade dos espaços"."

Adriano Espínola

Começaram a colocar galhos e sapé aos pés de Macedo.
— Não, espera! Espera, porra! Eu posso ser útil! Sei me guiar na floresta! Sei atirar! E não sou viado porra nenhuma! Se quiser, eu te provo agora. Tira a roupa dessa cachorra e me dá cinco minutos.

Ninguém respondeu. Aurora com olhar fixo e morto.

★

Consegue escapar da tenda do Tobias na calada da noite. O mapa sob o braço. Vai na tenda dos prisioneiros. Tem um homem de guarda.

— O que cê tá fazendo aqui, ô, bicho ruim? Volta pra tenda do teu macho.

— É que... Meu macho dormiu. E eu queria mais...

Vai se achegando do guarda, que fica desorientado. Retoma a consciência do dever:

— Não, isso é errado, cê não é minha mulher. Se não sair daqui agora, eu vou chamar o meu superior.

Tira a teta pra fora. O guarda baba e se aproxima.

Num momento de descuido, enfia a faca na garganta dele. Não consegue gritar, se afoga no sangue.

Entra na tenda e acha o avô.

— Vô, vô... — o velho acorda sem sentidos — A gente tem que ir embora agora — cochichando para não acordar os demais.

Arrasta o velho para fora da tenda e pega a arma do guarda.

Já a alguns metros de distância do acampamento, mostra o mapa ao avô.

— Aqui tem o território marcado de todas as gangues. Já sabemos aonde não ir.

Senhor Bruno, ainda dormindo:

— Minha filha, aonde estamos indo?

— Pra longe daqui.

Escutam alarmes e veem luz de lanterna ao longe. Não vai adiantar subir nas árvores.

O avô mal aguenta o percurso até a caverna, onde se escondem até o amanhecer. Aurora de guarda.

Com o raiar do sol, sufoca o choro diante do corpo inerte e mal nutrido do avô. ■

Doutores da Alegria

Natália Nodari

Quando eu morrer, cinco imbecis usando jaleco e nariz de palhaço vão me receber no inferno.

Bem vinda, Carolina.

Depois vão puxar um livro infantil de uma bolsa amarela gigante e vão ler a história inteira fazendo voz de fantoche. Vão cantar músicas soprando uma gaita colorida. Por último, vão se despedir com um abraço coletivo. Vão retirar os narizes, guardar o jaleco e atravessar a rua para tomar suco de clorofila na lanchonete em frente ao hospital enquanto comentam como eu e os outros doentes somos corajosos.

“É tão bom levar alegria para eles”, diz Juliana, 25 anos, estudante de Direito.

“Na verdade, são eles que nos alegam”, concorda Márcio, 23, enquanto olha as horas para ver se vai chegar a tempo no curso de permacultura.

Doutor da Alegria é o nome que se dá para o jovem de classe média que tem fetiche na dor alheia. Quando eu estiver no inferno e um universitário de olhos verdes estiver enfiando um trompete de brinquedo no meu rabo, vou encontrar forças para peidar até voltar para terra somente pra criar uma lei universal que impeça um jovem adulto saudável de levar a sua

alegria para uma criança doente.

Acredite,

se você nunca comemorou ao tomar um prato de sopa sem vomitar se você não mostrou para seus pais o prato de sopa vazio e disse “olha, mãe”

e viu um sorriso triste de volta se a sua mãe não se escondeu no banheiro para chorar depois se você nunca escolheu um desenho animado sabendo que talvez seja a última vez que você vai escolher um desenho animado na vida, você não pode, eu repito, não pode, espalhar a sua alegria barata. Seu filho duma puta. Seu palhaço do inferno. Toda criança que dorme à base de morfina sabe mais sobre gratidão do que uma aula inteira de yoga. Toda criança que teve um transplante agendado para semana que vem deveria cobrar para ser vista por um par de olhos que nunca pegou nada além de gripe.

Todo imbecil que pinta a cara deveria saber que cada maquiagem de palhaço feita equivale a um ano inteiro no inferno. Eu volto, eu repito: eu volto. E depois eu morro de novo só para pintar a palavra gratidão com a minha merda

na testa de vocês. ■



A CIDADE DO VENTO

GRAZIA DELEDDA

ED. MOINHOS

Publicado em 1931, este romance traz traços marcantes da biografia de Grazia Deledda em uma narrativa que leva o leitor para sua intimidade. O eu lírico/narradora de *A cidade do vento* descreve sua relação com Gabriel, um amor de sua juventude que desaparece para retornar à sua vida poucos dias após seu matrimônio com outro homem. Em um jogo de tensões precisamente calculado, passado e presente se entrelaçam diante do olhar do leitor e dão forma à trama arquitetada por Deledda.

TRAD. WILLIAM SOARES DOS SANTOS

• editoramoinhos.com.br •

Golfinho

Me disseram que, na década de cinquenta, uma mulher batia punheta para um golfinho em um aquário construído pela Nasa.

É claro que, no começo, não foi assim. No começo, os cientistas buscavam uma golfinha para que o golfinho esvaziasse o pau dentro. Mas não era isso que ele queria, e se ter fome de doce e ser obrigado a comer salgado é uma das piores coisas que pode acontecer a um ser humano que tem sorte, quem dirá a um golfinho da Nasa. O objetivo do experimento era fazer o golfinho falar inglês. Americanos, na década de cinquenta, acharam que se mexicanos conseguiam essa proeza, quem dirá animais que eles valorizavam mais. O golfinho e a mulher dormiam juntos, acordavam juntos e comiam juntos em uma espécie de aquário-hotel. A mulher era bonita e jovem e tinha pernas firmes e o golfinho era

bom,

era um golfinho. Durante as aulas de inglês, ele colocava o pau para fora e se esfregava contra as coxas da mulher como uma criança que não consegue alcançar os bibelôs de vidro da prateleira da avó. Concluíram que o golfinho tinha se apaixonado e recomendaram que a mulher tocasse uma para ele, para que tudo se resolvesse mais rápido. Transportar uma golfinha toda vez que o golfinho tirava o caralho pra fora do corpo era trabalhoso demais e, além disso, os cientistas concluíram que o golfinho estava apaixonado, já que eram todos cientistas homens e, quando um homem

quer enfiar o pau nos buracos de uma mulher, chama isso de amor.

A moça passou um ano entre punheta e aula de inglês. Trezentos e sessenta e cinco dias depois, duas mil crianças mexicanas que tinham cruzado a fronteira de madrugada já falavam inglês fluentemente, e o golfinho seguia mudo e os cientistas ficaram envergonhados e tiveram medo que os russos comessem a fazer piadas envolvendo o golfinho Flipper e filmes pornô. Demitiram a moça que tocava punheta e recitava o ei-bi-ci e colocaram o golfinho num tanque.

O golfinho esperou pela volta da moça e depois pela volta do peixe e depois pela volta de alguém que tocasse nele

e não vindo ninguém, se matou e o que me deixa mais triste é saber que nessa história eu sou o golfinho. Nessa história, você nunca deveria ter encostado a mão no meu corpo e nem me ensinado uma língua que não tinha como caber na minha boca. Como todo golfinho, eu não fui ensinada a bater de volta

como todo golfinho, eu fui treinada para fazer gracinhas

para ser bonita e macia ao toque
como um golfinho, não falo a língua dos homens e não vejo maldade nos olhos a não ser que me treinem, que me ensinem, que me tragam peixes e
como um golfinho, respiro por um furo só, fácil de ser tapado
puxar o ar é mais difícil quando se é um golfinho

você não deveria ter encostado em mim. ■

Rui Sobral

já não ouço a voz tua
chamar-me como antes
os fios de cabelo
entrelaçados
nos dedos meus
de inverno
já não espero
que me ouças
que ao ouvido
me cantes
como antes
nem os cigarros
mortos
nem as marés
esquecidas
já nem temo
os fins das ruas
as calçadas
as estradas
sozinhas
já não entendo
os barulhos
os gritos nossos
de outro tempo
de tempos nossos
desfalecidos

CASA

5 anos!

- Agenciamento Literário
- Leitura Crítica de Originais
- Assessoria de Imprensa para Lançamentos de Livros

🌐 casaprojetosliterarios.com.br

f @casaprojetosliterarios

Versões

“neto do diretor”

movimentam a sétima arte

Para comemorar os 50 anos de 2001: *Uma odisseia no espaço*, a produtora MGM arriscou o que, segundo ela, corresponde à primeira exibição de uma “versão do neto do diretor” da história do cinema. E assim, *2001*, nas mãos de Leozinho Kubrick, 26, foi apresentado ao público com uma grande festa. “Eu... eu não sei se ficou legal”, confessou o neto do diretor, pálido como um astronauta à deriva.

O resultado, de fato, dividiu os espectadores. Entre a crítica especializada, ex-atletas que viraram comentaristas esportivos e o público fiel que leu o filme e viu o livro, houve quem não gostasse e houve quem considerasse aquilo a ideia mais imbecil da civilização ocidental desde o museu de cera. O fato de Leozinho Kubrick ser analista de sistemas e não manter relação alguma com a sétima arte, ou com qualquer arte, certamente oferece uma justificativa sólida aos detratores.

Durante a estreia, o crítico Rubens Ewald III foi enfático em sua coluna: “já pode chamar de *2020: O ano em*

que fizemos um mau contrato”. Apesar de a MGM ter caprichado nos canapés e de diversos booktubers terem aceitado se vestir de cocô espacial, Leozinho abandonou o cinema antes mesmo do desfecho da película e correu para o aeroporto mais próximo de Los Angeles.

Por coincidência, encontrou Toninho Scorsese, neto do consagrado realizador Martin Scorsese. Toninho vinha em rota oposta: ele havia acabado de chegar de Nova York, onde havia sido literalmente apedrejado após o pré-lançamento de *Goodfellas: versão do neto do diretor*. “Acho que não foi uma boa ideia inserir os *highlights* do LeBron James no meio do filme”.

Martin Scorsese se recusou a promover o filme — tido como a segunda grande iniciativa entre netos de diretores, atrás apenas de *2001* —, muito menos incentivar o neto de 19 anos, descrito por ele como “um mimadinho dos mais vagabundos”. Toninho reconhece que o gênero drama de *e-sports* ainda gera incompreensão em

seu público-alvo, concluindo que talvez não fosse a hora de acrescentar este verniz a um clássico já consagrado.

Ainda não se sabe se essa empreitada veio para ficar, o fato é que o acesso fácil a dinheiro e polêmica tem mexido com a imaginação dos estúdios. Em pós-produção, *Titanic: versão do neto do diretor* apresenta um caso curioso, afinal a neta de James Cameron tem apenas três anos (e detesta água gelada). O que se vê na sala de edição é um misto de dadaísmo involuntário e sílabas primárias de autoridade. “Ela herdou o comportamento do avô, é incrível!”, conta o pai, Carlos Cameron, um pouco preocupado com o orçamento, estourado em massinhas de modelar.

Lucy “Pincêza” Cameron se recusou a conceder entrevista por estar com fome, e também por ainda não compreender o que é uma entrevista. *Titanic: versão do neto do diretor* tem lançamento previsto para 2021, após a apresentação de Dia das Mães da turma de Jardim I frequentada por Lucy. ■

acontece nos livros
um canal dedicado à literatura

Inscreva-se e mergulhe no universo literário.

acontecenoslivos

acontecenoslivos noslivos acontecenoslivos@gmail.com



Kleber Albuquerque

E os antidepressivos vão parar de funcionar.